



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**A RELAÇÃO ENTRE O ISOLAMENTO
SOCIAL E O SENTIMENTO DE SOLIDÃO
EM JOVENS ADOLESCENTES.**

DÉBORA SOUSA SIMÕES FERREIRA

Orientador de Dissertação:
PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DOS SANTOS

Coordenador de Seminário de Dissertação:
PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DOS SANTOS

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:
MESTRE EM PSICOLOGIA
Especialidade em Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Doutor António José dos Santos, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica, conforme o despacho da DGES nº 19673/2006 publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro de 2006.

Agradecimentos

Ao Prof. Doutor António José dos Santos, que me deu todo o apoio na elaboração deste trabalho, pelos conhecimentos que transmitiu ao longo deste ano e por me ter incluído no projecto de investigação.

À Prof. Doutora Manuela Veríssimo por me ter apresentado o núcleo e me ter introduzido à Professora Olívia Ribeiro.

À Professora Olívia Ribeiro pelas longas conversas sobre os mais variados temas, pela compreensão e pelo carinho.

Aos meus pais que foram incondicionais no apoio que me deram ao longo destes 5 anos.

Às minhas companheiras de horas ao longo deste curso, as minhas gatas: Bianca, Misty e Cookie.

Às minhas grandes amigas: Daniela, Sónia, Margarida e Ju por acreditarem em mim.

Aos meus colegas e amigos do ISPA: Ana Sofia, Ana Rita e Ana Luísa, Filipa, Marta, Andreia, Luísa, Constança e Bruno por partilharem este ano comigo.

RESUMO

Estudos realizados no âmbito das relações de pares realçam a grande importância das mesmas para um desenvolvimento saudável, principalmente na fase da adolescência. Como tal o isolamento social torna-se um problema com redobrado interesse no período da adolescência. São vários os estudos que associam o retraimento social de crianças e adolescentes a consequências ligadas a perturbações internalizadas, como por exemplo, a solidão.

O presente estudo teve como objectivo verificar os sentimentos de solidão que os adolescentes retraídos e agressivos expressam. Também nos interessou verificar se existiam e como se manifestavam as diferenças de género nesse sentimento de solidão quer para adolescentes isolados retraídos, quer para os isolados agressivos.

Participaram neste estudo 900 jovens adolescentes (446 do sexo feminino), com idades compreendidas entre os 12 e 15 anos, provenientes de duas escolas da região da grande Lisboa. De modo a concretizar o objectivo, os instrumentos de recolha de dados utilizados foram o ECP (Extended Class Play) e RPQ (Relational Provision Loneliness Questionnaire).

Os resultados evidenciaram níveis de maior Integração de Pares nos adolescentes Isolados Retraídos, relativamente ao Grupo de Controle. Ao nível da Intimidade de Pares verificou-se que os Isolados Retraídos consideram ter níveis significativamente inferiores em relação ao Grupo de Controle. Relativamente às diferenças de género verificou-se que as raparigas se consideram significativamente mais íntimas com os seus pares do que os rapazes.

Palavras-chave: Retraimento social; solidão; adolescência

ABSTRACT

Studies on peers relationships highlight the importance of these for a healthy development, especially in adolescence. As such social isolation becomes a problem with renewed interest during adolescence. There are several studies linking social withdrawal and internalizing problems, such as loneliness.

The present study aimed to verify the feelings of loneliness that withdrawn and aggressive adolescents express. We were also interested in examining if there is and how they manifest gender differences in feelings of loneliness for isolated/aggressive and isolated/withdrawn adolescents.

900 adolescents participated in this study (446 females), aged between 12 and 15 years from two schools in Greater Lisbon. To achieve the goal we set ourselves, we applied two questionnaires: the ECP (Extended Class Play) and RPQ (Relational Provision Loneliness Questionnaire).

The results showed higher levels of peer integration isolated/withdrawn relative to the Control Group. At the level of peer intimacy we found that the isolated/withdrawn consider having significantly lower levels when compared to the Control Group. For gender differences we found that girls consider themselves significantly more intimate with their peers than boys.

Key-words: Social withdrawal, loneliness, adolescence

ÍNDICE

Agradecimentos	III
Resumo	IV
Abstract	V
1. Revisão de Literatura.....	1
1.1 Relações de pares na adolescência.....	1
1.2 Retraimento social.....	3
1.2.1 Consequências do retraimento social	5
1.3 Agressividade.....	8
1.4 Solidão.....	10
1.5 Objectivo de estudo	13
2. Metodologia	14
2.1 Participantes.....	14
2.2 Instrumentos.....	14
2.2.1 Isolamento Social	14
2.2.2 Solidão	15
2.3 Procedimento	17
3. Resultados	19
4. Discussão	25
5. Referências	30

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	19
Tabela 2	20

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	20
Figura 2	22
Figura 3.....	22
Figura 4	23
Figura 5	24

1. REVISÃO DE LITERATURA

1.1 Relações de pares na adolescência

A adolescência é uma fase caracterizada por grandes mudanças, que ocorrem a vários níveis. Os três principais acontecimentos que caracterizam esta fase são: a transformação do corpo; adaptação e aceitação do mesmo e o distanciamento dos pais. Relativamente a este último aspecto, ele que não significa que os pais deixem de ser figuras importantes e tem como consequência a aproximação ao grupo de pares, um movimento fundamental para o processo de identificação do adolescente (Rubin, Bukowski & Parker, 2006, Allen & Land, 1999).

No período da pré-adolescência há um grande aumento no número de membros no grupo de pares e um aumento também da quantidade de interações sociais entre os mesmos (Rubin, Bukowski & Parker, 2006). Num estudo de Zarbatany, Hartman e Rankin (1990 cit. por Rubin, Bukowski & Parker, 2006) constatou-se que entre os contextos mais frequentes de interacção entre pares estão a conversa, o estar na escola, falar ao telefone, ir/vir da escola, ver televisão, entre outros. Também, de acordo com estes autores, as actividades que envolvem competição entre pares são oportunidades importantes no processo de identificação, e por outro lado as actividades não competitivas são promotoras de socialização e desenvolvimento das relações. Os autores defendem ainda também que todo o tipo de actividades desenvolvidas, sejam ou não competitivas, são importantes pois as experiências com os pares são cruciais para o desenvolvimento pessoal e social.

Já em 1902, Cooley identificava a importância das relações entre pares, chamando a atenção para o facto de os pares poderem ser possíveis colaboradores na socialização da criança e mais tarde, em 1932, Piaget defendeu que a exposição a

exemplos de conflitos de pares e oportunidades de negociação social ajudam as crianças na aquisição e desenvolvimento de competências, como sejam, começar a tomar em consideração diferentes perspectivas, elaborar raciocínios de causa-efeito e ter acesso à compreensão da moralidade (cit. por Rubin, Coplan & Bowker, 2003). De acordo com Luther e McMahon (1996) há uma associação entre a qualidade das relações de pares e uma adaptação bem-sucedida em vários domínios. As amizades são importantes para as crianças pois proporcionam uma base sólida a partir da qual se desenvolve a confiança interpessoal, indispensável para o seu futuro (Fine, 1981 cit. por Renshaw & Brown, 1993).

As amizades têm um papel de relevo no desenvolvimento afectivo, cognitivo e social das crianças (Hartup, 1996; Veríssimo & Santos, 1998). De acordo com Rubin e Mills (1988) as dificuldades de relações entre pares na infância são muitas vezes apontadas como preditores de desajustamento psicológico no futuro. Em 1982, Rubin, um dos pioneiros na investigação do retraimento social, realçou o facto de que crianças que brincam a sós, sem interagir frequentemente com pares, poderiam estar em risco de no futuro desenvolver problemas aos níveis social e socio-cognitivo. Rubin, Bukowski e Parker (2006) afirmam que o desenvolvimento de relações de pares saudáveis poderá ser uma forma de prevenir os comportamentos de externalização. Também há evidências que apontam para o facto de uma criança sucessivamente rejeitada ou ignorada pelos pares, poder vir a desenvolver um comportamento de inibição social (Asendorpf, 1990).

Deste modo, as relações e principalmente as relações de pares apresentam-se como um factor fundamental no desenvolvimento da criança/jovem em vários aspectos e a falta das mesmas é apontada como um possível indicador de problemas a vários níveis, podendo acarretar consequências desde curto a longo-prazo.

1.2 Retraimento Social

Na sequência da evidência da importância fundamental das interações sociais, principalmente no período da pré-adolescência e adolescência, o isolamento social torna-se uma situação que poderá ser preocupante e como tal, com interesse e relevância para a investigação (Hartup, 1996; Veríssimo & Santos, 1998; Cooley, 1902).

Apesar da sua importância, este problema foi durante muito tempo negligenciado, sendo portanto um problema de internalização que se manifesta através de um comportamento menos exuberante. As crianças socialmente isoladas costumam ser aparentemente calmas e entretêm-se sozinhas, características que não preocupam professores ou pais, fazendo até com que estas crianças passem despercebidas (Rubin & Coplan, 2004, Rubin & Burgess, 2002).

Assim sendo, apenas desde a década de 80 é que o conceito de retraimento social tem vindo a ser cada vez mais estudado e com crescente importância na investigação (Rubin e Coplan, 2004). Por ter sido tão pouco desenvolvido até então, os investigadores e clínicos falam do retraimento social utilizando diversos termos, sem fazer distinção entre eles, como sejam isolamento, evitamento social, timidez e inibição para se referirem ao mesmo conceito (Rubin & Coplan, 2004, Coplan & Rubin, 2007). Asendorpf (1990 e Asendorpf, 1991) elaborou uma teoria em que caracterizou e distinguiu a timidez, a insociabilidade e o evitamento social através da motivação para a aproximação social. O retraimento social, juntamente com o comportamento agressivo, têm sido considerados como duas das maiores formas de distúrbios na relação de pares e aquelas que são mais estudadas (Rubin & Mills, 1988).

Os vários investigadores que têm vindo a desenvolver o estudo do isolamento social surgem com diferentes visões sobre o mesmo, atestando assim a sua complexidade e interesse na investigação. Quando se faz referência a um défice na interação social, é importante ter em consideração o leque de possíveis causas dessa situação. Rubin e Coplan (2004) chegaram mesmo a caracterizar o retraimento social

como um “umbrella term”, isto é um termo que poderá caracterizar pelo menos duas causas para as crianças se retraírem. Sendo que uma delas é que as crianças se retraiam por medo ou ansiedade social, apesar do seu desejo de interacção ou que as crianças manifestem um comportamento retraído porque preferem estar sozinhas (insociabilidade ou desinteresse social).

Em síntese, o termo “retraimento social”, do inglês *social withdrawal* é utilizado no contexto das relações de pares para se referir a uma retirada passiva do grupo de pares, sendo que esta retirada é movida pelo próprio e opção do mesmo, estando relacionada com comportamentos de timidez, hipersensibilidade ou ansiedade, é então um tipo de isolamento que se encontra relacionado com factores internos (Rubin & Mills, 1988, Rubin, Bukowsky & Parker, 2006 e Coplan & Rubin, 2007). Neste caso o retraimento e o défice de interacção são resultado de opções do próprio (Rubin & Coplan, 2004). A criança retraída socialmente é aquela que, na maioria das vezes se encontra a brincar sozinha (Oh, Rubin, Bowker & Booth-LaForce; Rose-Krasnor & Laursen, 2007).

Já o isolamento activo ilustra o que sucede quando há um isolamento do grupo de pares como consequência da rejeição dos mesmos e de vitimização. Nesta situação o sujeito não se isola mas é sim isolado pelo seu grupo de pares. Os autores têm desenvolvido este tipo de isolamento e consideram-no relacionado com factores externos tais como: agressividade, impulsividade ou imaturidade a nível social, características estas que vão desagradar o grupo de pares, fazendo com que o mesmo afaste o sujeito em questão (Rubin & Mills, 1988 e Rubin, Bukowsky & Parker, 2006). Rubin e Coplan (2004) descrevem o isolamento social como um défice de interacção com os outros, causado por factores externos ao próprio.

Também Rubin, Coplan e Bowker (2006) explicam que se podem encontrar 3 tipos de indivíduos que se isolam socialmente. Há jovens que passam grande tempo da sua vida sozinhos e que o fazem, por exemplo, como consequência da escolha de actividades da sua preferência. Nestes casos, o isolamento acontece porque estes jovens passam muito tempo, por exemplo, a escrever, a pintar ou no computador e têm,

normalmente, a necessidade de estar a sós de modo a poderem concretizar o seu objectivo. Podem também encontrar-se aqueles indivíduos que se isolam, de igual modo por vontade dos mesmos, mas nesta situação porque tentam evitar a iniciação e a manutenção de relações interpessoais. Podem ainda existir jovens, que estão isolados socialmente, não por sua escolha mas porque são rejeitados por todos os outros, mesmo quando tentam o contacto ou aproximação social.

Assim, a retirada social pode ser o resultado de diferentes razões, pessoais e interpessoais, entre as quais estão abrangidos o medo e a ansiedade social, a agressividade e até a preferência pela solidão (Rubin, Coplan & Bowker, 2006).

1.2.1 Consequências do Retraimento Social

Ao longo dos anos de estudo têm-se vindo a associar diversos constructos ao retraimento social. Entre eles podem constar a timidez, o isolamento e a rejeição, a passividade, ansiedade, ansiedade social, baixa auto-estima, rejeição de pares, vitimização, problemas de internalização e externalização de problemas, depressão, inibição comportamental (Rubin & Mills, 1988; Rubin, Bukowsky & Parker, 2006; Rubin, Coplan & Bowker, 2006, Fox, Henderson, Marshall, Nichols & Ghera, 2005; Menzer, Oh, McDonald, Rubin & Dashiel-Aje, 2010).

Rubin e Mills (1988) verificaram a existência de uma associação estatisticamente significativa entre o retraimento social e a depressão e também entre o retraimento social e a solidão. Gullone, Ollendick e King (2006) verificaram também a existência de uma relação positiva entre o retraimento social e a depressão.

Fox e cols. (2005) surgiram com a hipótese de que o retraimento social poderá ser uma consequência da inibição comportamental e que esta mesma retirada poderá promover a rejeição de pares. Já esta rejeição, por parte dos pares, irá resultar no incremento do comportamento isolado ou inibido, contribuindo para um movimento

cíclico. Índices de retraimento social nos primeiros anos aparentam predizer a continuação deste retraimento durante a infância (Hymel, Rubin, Rowden & LeMare, 1990).

De acordo com Rubin, Bukowski e Parker (2006), a nível social, a agressividade é mais aceitável nos rapazes do que nas raparigas e, complementarmente, a timidez é vista como mais aceitável nas raparigas do que nos rapazes. Neste sentido deve realçar-se que os rapazes que são socialmente isolados experienciam, a longo prazo uma maior exclusão, quando comparados com raparigas, em virtude desta menor aceitação deste comportamento nos rapazes. Há vários estudos que evidenciam o facto de a timidez ser um factor de maior risco, com mais consequências negativas para os rapazes do que para as raparigas (Caspi, Elder & Bem, 1988 e Morison & Masten, 1991). Também Coplan, Gavinski-Molina, Lagacé-Séguin e Wichmann (2001) verificaram que o retraimento social conduz ao desajustamento social nas raparigas e rapazes embora nos rapazes esses níveis de desajustamento fossem superiores.

O facto do retraimento social ser um factor de desajustamento social verifica-se em vários estudos, como já foi referido. Porém, estudos desenvolvidos na cultura chinesa demonstram que o comportamento tímido-inibido (*shy-inhibited*) se associa positivamente com a aceitação de pares, com resultados positivos e com ajustamento a nível social e escolar (Chen, Rubin, Li & Li, 1999; Chen, Chen & Kaspar, 2001). Estes resultados apoiam a ideia de que o comportamento tímido-inibido é visto como positivo na cultura chinesa (Chen et al., 1999).

A exclusão e vitimização são, de acordo com vários autores, dois dos tipos de comportamento que levam ao isolamento e à retirada social. Rubin, Bukowski e Parker (2006) verificaram que a vitimização ou exclusão por parte dos pares pode colocar as crianças em risco a nível psicossocial e académico. Dois dos preditores da vitimização e exclusão que têm mais força são os comportamentos de externalização, como a agressividade e impulsividade (Menzer, Oh, McDonald, Rubin & Dashiel-Aje, 2010).

De acordo com os dados recolhidos por Rubin e Mills (1988) é possível apoiar a ideia de que o retraimento social será o resultado ou o sintoma comportamental que reflecte a internalização de problemas durante a infância. Este tipo de isolamento aparenta ter um maior relevo como comportamento desviante e impopular com o avançar da infância e a passagem para a adolescência. Também há estudos que alertam para o facto do retraimento social e ansioso poder ter como consequência uma série de problemas internalizados, de entre os quais se destaca a solidão, sendo também observadas consequências como a ansiedade e depressão (Rubin & Mills, 1988; Rubin, Hymel & Mills, 1989).

Estes autores levantaram também a hipótese de que a retirada social passiva a partir do meio da infância, poderia promover o desenvolvimento de internalização de problemas, tais como solidão e depressão. De acordo com o seu estudo, com crianças entre os 7 e os 10 anos, os dados indicaram evidências que suportam esta hipótese, de que o isolamento social pode ser facilitador de um prognóstico de problemas internalizados, dentro dos quais podemos destacar a solidão, ansiedade e depressão (Rubin & Mills, 1988). Hymel, Rubin, Rowden e LeMare (1990) constataram que crianças que no 2º ano haviam sido descritas pelos pares, ao nível do seu comportamento social como sendo sensíveis/isoladas e impopulares de acordo com o questionário RCP e que tinham a percepção de que eram socialmente incompetentes, apresentaram, passados 3 anos, níveis de solidão mais elevados.

Como já foi demonstrado anteriormente, por várias vezes, problemas de internalização, nomeadamente a depressão e a solidão surgem associados ao retraimento social. No seu estudo, Boivin, Hymel e Bukowski (1995) elaboraram uma extensão do modelo composto por Boivin e Hymel. O modelo foi elaborado numa tentativa de explicação das consequências que uma criança retraída socialmente sofre, num processo gradual em que a mesma passa por vitimização e solidão chegando por fim, ao humor depressivo. Boivin, Hymel e Bukowski (1995), no seu estudo longitudinal atestaram a veracidade deste modelo preditor de solidão e humor depressivo.

1.3 Agressividade

O interesse da investigação sobre a agressividade surgiu primeiro do que o do isolamento. Sendo um problema de externalização e com impacto nos outros, desde cedo preocupou professores, pais e pares e é um dos grandes motivos de referência a tratamento na infância (Rubin & Burgess, 2002, Rubin & Coplan, 2004).

Tremblay (2000) chama a atenção para o facto de os comportamentos agressivos serem comportamentos com a intenção de causar dano, vendo então a agressividade como algo mais do que agressão física e como estando por isso associado a um comportamento anti-social.

Já foi referido anteriormente que podem distinguir-se diferentes formas de isolamento social. Uma delas é o isolamento activo, por parte os outros em que os indivíduos são colocados à margem pelos seus pares. Não são muitos os estudos que aprofundam este tipo de isolamento nas fases do meio e final da infância. Porém, e de acordo com estudos em crianças mais pequenas, uma das formas de retirada é caracterizada por crianças com uma conduta de indisciplina e de imaturidade a nível cognitivo e crianças com comportamento agressivo ou impulsivo (Rubin & Mills, 1988; Coie & Dodge, 1998). Estas crianças, pelo seu comportamento, tendem então a ser excluídas do seu grupo de pares, ficando isoladas socialmente o que contribui para a perseveração deste tipo de comportamento agressivo (Parker & Asher, 1987).

De acordo com Rubin, Bukowski e Parker (2006) as crianças que apresentam níveis elevados de agressividade ou de retirada social são aquelas que se encontram em maior risco de serem vitimizadas. Twenge, Baumeister, Tice e Stucke (2004) desenvolveram um estudo no sentido de compreender os efeitos da exclusão social por parte dos pares na presença de comportamentos agressivos e verificaram que os adolescentes excluídos pelos pares manifestavam um comportamento mais agressivo do que aqueles que eram aceites pelo grupo de pares.

Crianças que aos 8 anos são descritas como crianças com comportamentos agressivos apresentam uma probabilidade elevada de continuar no mesmo tipo de registo de comportamento, no decorrer da sua vida, podendo, mais facilmente tornar-se adultos com comportamento agressivo (Pepler, Craig & Roberts, 1995). É também importante salientar que estudos indicam que as crianças tendem a fazer amizades com pares semelhantes às mesmas. Assim, uma criança isolada-agressiva terá uma maior probabilidade de ter um amigo com o mesmo tipo de comportamento, perpetuando na díade de amigos, o carácter e comportamento agressivo (Hartup, 1996).

Hymel e cols (1990) encontraram associações significativas entre os níveis de solidão e os índices de retraimento social, não verificando estas associações quando compararam os níveis de solidão ao comportamento agressivo.

É portanto, notório um carácter dinâmico nos conceitos de agressividade e exclusão social pois há autores que verificam que a agressividade é uma consequência da rejeição, enquanto outros atestam o facto de a agressividade promover o isolamento por parte dos pares.

Parkhurst e Asher (1992) verificaram, com o seu estudo numa população de adolescentes que aqueles classificados como rejeitados-submissos apresentavam níveis elevados de solidão mas não apresentavam níveis de elevada agressividade ou disrupção. Já aqueles considerados como rejeitados-agressivos apresentavam, tal como indica, elevados níveis de agressividade e baixos níveis de solidão.

Num estudo com crianças do ensino básico, verificou-se a existência de diferenças significativas entre rapazes e raparigas a três níveis, ao nível da agressividade, na quantidade de amigos considerados agressivos e nos níveis de descontentamento por parte dos pares, com os rapazes a registarem valores mais elevados nos três (Powers & Bierman, 2012), é de salientar que este estudo apenas avaliava a agressividade física e excluía outros tipos de agressividade como a instrumental.

1.4 Solidão

Mais uma vez a solidão foi um conceito que começou a ser estudado e a ter interesse ao nível da investigação há relativamente pouco tempo e, tal como o isolamento social, é de difícil definição. Cassidy e Berlin (1999) descrevem a solidão como um sentimento negativo que surge como resultado de uma crença específica de que quando querem ser desejados, os outros não se encontram disponíveis para atender a esse desejo.

A solidão é uma experiência subjectiva, isto é, ela depende de pessoa para pessoa e é um conceito distinto do isolamento social (Perlman & Peplau, 1984). Perlman e Peplau (1984) alertam para o facto de a solidão ser um indício de que há uma carência ao nível da relação, seja ela qualitativa ou quantitativa e descrevem-na como uma experiência desagradável. Os sentimentos de solidão demoram um certo tempo a desenvolver-se. Quando alguém tem dificuldades em relacionar-se com os outros, poderá numa fase inicial desenvolver sentimentos de solidão e se essas dificuldades persistirem e nada for feito de modo a superá-las, a solidão poderá tornar-se mais extrema e colocar em risco a saúde mental do sujeito em questão (Renshaw & Brown, 1993, Hawkey & Caccioppo, 2010, Perlman & Peplau, 1984).

Berguno, Leroux, McAinsh e Shaikh, (2004) afirmam que a solidão não surge apenas porque uma pessoa deseja companhia e como tal não poderá ser apenas sanada pela presença constante de pessoas pois a solidão é a falta de algo mais profundo do que a simples presença de pessoas. De facto, a actividade social e neste caso específico a falta desta actividade pode ser um factor intensificador da solidão pois esta carência realça a ausência de interacções significativas. Os sentimentos de solidão fazem-se invariavelmente acompanhar por sentimentos de tédio e de falta de objectivos de vida. (Berguno et al. 2004).

Perlman e Peplau (1984) desenvolveram um modelo explicativo das causas da solidão. Neste modelo os autores demonstram que as pessoas possuem certas

características que podem contribuir para o facto de se tornarem mais propensos a sentirem solidão (*predisposing factors*) e esses factores poderiam ser características pessoais, características da situação e valores da cultura em que a pessoa está inserida. Deste modo os autores consideram que o isolamento social, a timidez, a inibição e a falta de interacção sociais são algumas das características que podem fazer uma pessoa mais vulnerável a sentir solidão.

Uruk e Demir (2003) procuraram compreender, numa amostra de adolescentes, de entre diversas variáveis quais aquelas que prediziam significativamente os níveis de solidão. Verificaram que as variáveis demográficas, a família e as relações de pares eram preditores significativas dos sentimentos de solidão e principalmente as relações de pares demonstraram ter o maior poder preditivo, explicando 35% da variância na solidão.

Weiss (1973), define a solidão recorrendo à Teoria das Necessidades Sociais, e fala dela como a reacção a uma carência de relação, dando origem a um desejo de relação. (Cassidy & Berlin, 1999). No decorrer da sua abordagem acerca da Teoria das Necessidades Sociais, Weiss (1973), fez a distinção entre dois tipos de solidão, a solidão emocional e a solidão social. Deste modo a solidão emocional seria então considerada como a falta de uma relação de verdadeira intimidade e as emoções que predominam nos sujeitos que manifestam este tipo de solidão são sentimentos de ansiedade, vazio e completa solidão. (Cassidy & Berlin, 1999).

No seu estudo sobre solidão e relações de pares, Cassidy e Asher (1992) verificaram que 93% das crianças que entrevistaram, com idades compreendidas entre os 5 e 7 anos já apresentavam uma compreensão básica do conceito de solidão, pois foram capazes de o descrever associando a este conceito aos seus dois sentimentos chave: a tristeza e o facto de se estar só e foram capazes de construir um relato fiável da sua solidão e do sentimento de insatisfação social. Há também evidência que atesta a possibilidade da solidão infantil ser mensurada com confiança (Cassidy & Berlin, 1999). A sensação de solidão pode ser muito persistente pois para a pessoa que

experiencia solidão, a simples presença de pessoas não vai eliminar este sentimento, uma vez que a solidão não é somente o desejo de companhia (Berguno et al., 2004).

Também Berguno e cols. (2004) verificaram que as crianças no ensino primário já possuem uma compreensão do fenómeno da solidão, descrevendo-o como um adulto descreveria. De acordo com o estudo de Renshaw e Brown em (1993), as crianças que não estabeleceram relações de amizade próximas no contexto de sala de aula, apresentaram um nível de solidão mais elevado.

Juntilla e Vauras (2009) aplicaram uma escala de solidão que distinguia a solidão social da solidão emocional, em crianças de 10 anos e verificaram que os rapazes reportaram níveis de solidão emocional mais elevados, quando comparados com as raparigas e em relação à solidão social não se verificaram diferenças entre os géneros.

Num estudo sobre a solidão de crianças e adolescentes relativamente aos seus pais, também os rapazes reportaram níveis superiores de solidão na relação com os pais, quando comparados com as raparigas. Estes resultados poderão ter várias interpretações, pois os rapazes podem efectivamente receber menos atenção por parte dos pais, ou devido a dificuldades na expressão dos seus desejos aos pais ou mesmo, por os pais, possuírem a crença de que as raparigas necessitam de um maior conforto ou até por ser mais aceitável culturalmente, apoiar emocionalmente uma filha, do que um filho (Marcoen & Brumagne, 1985).

Também Cassidy e Asher (1992), num estudo sobre solidão e relações de pares constataram que crianças com baixa aceitação por parte dos pares apresentavam níveis mais elevados de solidão, quando comparadas com crianças com níveis de aceitação médios ou elevados e verificaram também que as crianças rejeitadas ou submissas podem apresentar maiores níveis de solidão do que as crianças rejeitadas-agressivas.

Um estudo verificou que os níveis de solidão se apresentavam mais elevados nas crianças que eram vistas pelos seus pares como socialmente impopulares e sensíveis-

isoladas (*Sensitive-Isolated*) e que se avaliavam a si próprias como socialmente incompetentes (Hymel e cols, 1990).

Parkhurst e Asher (1992) verificaram que os adolescentes classificados como rejeitados-submissos (*submissive-rejected*) reportaram níveis de solidão mais elevados relativamente ao seu grupo de controlo. Já nos adolescentes rejeitados-agressivos (*agressive-rejected*) não se observaram diferenças nos níveis de solidão, relativamente ao respectivo grupo de controlo.

1.5 Objectivo do estudo

De acordo com a revisão de literatura feita na presente investigação surgiu a necessidade de estudar o défice de interacção social em adolescentes retraídos e agressivos e tornou-se pertinente compreender até que ponto o retraimento social se torna um problema, acarretando consequências negativas ao nível da internalização de problemas, como seja o sentimento de solidão. A par disto, também nos interessa verificar se existem e como se manifestam as diferenças de género, relativamente ao sentimento de solidão nos adolescentes isolados retraídos e nos isolados agressivos.

2. METODOLOGIA

2.1. Participantes

Participaram neste estudo 900 jovens adolescentes (446 do sexo feminino) com uma média de idades de 13 anos (M=12,95 anos; D.P.= 1,61), pertencentes aos 7º, 8º e 9º anos de escolaridade de duas escolas da área da grande Lisboa.

2.2. Instrumentos

2.2.1. Isolamento Social

No domínio do comportamento social relativamente à avaliação feita por pares, em especial a avaliação do isolamento social é feita através do questionário ECP (*Extended Class Play*) (Rubin, Wojslawowicz, Burgess, Rose-Krasnor & Booth-LaForce, 2006), adaptado do RCP – Revised Class Play (Masten, Morison & Pellegrini, 1985). Esta é uma medida *matching-type*, administrada em grupo. O que se pretende é que cada adolescente se coloque no papel de um realizador de cinema que tem escolher o elenco para o seu próximo filme. Cada adolescente deverá nomear um colega do género feminino e um do género masculino para cada um dos 37 papéis que são dados, de forma a que o papel seja o que melhor se adapta àquele colega. Para cada papel não é desejável que cada um se nomeie a si próprio mas no caso de isso acontecer, deverá escolher adicionalmente um colega do mesmo género.

Inicialmente (Masten, Morison & Pellegrini, 1985) elaboraram o RCP - *Revised Class Play*, um questionário composto por 30 papéis, 15 positivos e 15 negativos, e através dos resultados cada criança receberia um *score* em cada uma das 3 dimensões: Sociável/Líder, Agressivo/Disruptivo e Sensível/Isolado.

Em 2006, Rubin, Wojslawowicz, Burgess, Rose-Krasnor e Booth-LaForce, de forma a melhor compreender os diferentes tipos de agressividade, e a conseguir distinguir os tipos de comportamento isolado, que poderão ser resultado de vitimização ou rejeição por parte dos pares ou o isolamento, timidez e retirada social activa, acrescentaram ao RCP (Masten, Morison & Pellegrini, 1985), 7 itens. A esta versão nova versão do RCP foi dada o nome de ECP – *Extended Class Play*. Através de uma análise factorial foi possível distinguir-se 5 dimensões. São elas *Agressividade*, composta por 7 itens que têm como objectivo a identificação de comportamentos agressivos (por exemplo o item “Perde o controlo ou se exalta facilmente”); a *Retirada Social/Timidez* composta por 4 itens que pretendem que se identifiquem os adolescentes que se retiram do contacto activamente ou que são tímidos (um exemplo de item “Fala pouco, fala baixo”); a dimensão *Vitimização/Exclusão* (por exemplo com o item “É frequentemente ofendido/insultado”) que é composta por 8 itens que pretendem identificar os adolescentes que são vitimizados e/ou colocados de parte; a dimensão de *Comportamentos Pró-Sociais/Sociabilidade*, que tal como o nome indica, aborda os comportamentos pró-sociais (como, por exemplo, “Ajuda os outros quando eles precisam”) e é composta por 6 itens. Por fim a dimensão *Popularidade/Sociabilidade*, constituída por 5 itens que caracterizam adolescentes com popularidade entre os colegas e sociáveis (por exemplo, “Prefere estar com os outros do que sozinho”).

2.2.2. Solidão

A avaliação da solidão foi feita através do RPQ (*Relational Provision Loneliness Questionnaire*) (Hayden 1989 cit. por Terrell-Deutsch, 1999). Trata-se de um questionário de auto-avaliação que visa dois aspetos de satisfação social — a integração no grupo e a intimidade pessoal —, vivenciados em dois contextos distintos: o grupo de pares e a família.

Esta escala é particular no que diz respeito ao conjunto de escalas desenvolvidas para avaliar a solidão pois é a única que foi desenvolvida tendo em conta a Teoria das Necessidades Sociais (Weiss, 1973 cit. por Terrell-Deutsch, 1999) e que tem em conta a distinção feita entre as duas formas de solidão: solidão emocional e solidão social.

Esta é uma escala multidimensional que procura avaliar a solidão através da exploração das relações com a família e também com os pares sendo que dentro de cada um destes dois grupos, são avaliadas as duas formas de solidão em separado, a solidão social e a solidão emocional (Terrell-Deutsch, 1999).

O RPQ é constituído por 28 itens que se repartem em 4 sub-escalas, sendo que são 7 itens para cada uma das sub-escalas. Posteriormente foram acrescentados 6 itens a esta escala que estão relacionados com a solidão a um nível mais geral e que se prendem com as razões para que se sinta essa solidão, de acordo com o jovem que está a ser questionado. A resposta, por parte dos adolescentes é feita através de uma escala de 5 pontos, em que o 1 é equivalente a “nunca”, 2 a “raramente”, 3 a “moderadamente”, 4 a “frequentemente” e o 5 a “sempre”. As 4 sub-escalas são: a Integração no grupo de pares (1. Sinto que faço parte de um grupo de amigos que faz as coisas em conjunto), Intimidade pessoal com pares (12. Tenho alguém da minha idade que me compreende perfeitamente), Integração na Família (27. Sinto que as pessoas da minha família querem estar comigo) e a Intimidade Pessoal na família (28. Tenho alguém na minha família que se interessa verdadeiramente por me ouvir falar dos meus sentimentos e pensamentos íntimos).

Foi feita a tradução e retroversão de ambas as escalas por dois investigadores, de forma independente. A versão final, resultado do consenso dos investigadores, foi comparada com o original de modo a verificar a equivalência entre ambas.

2.3 Procedimento

O estudo apresentado está integrado no projecto de investigação longitudinal desenvolvido pela Unidade de Investigação em Psicologia Cognitiva, do Desenvolvimento e da Educação (UIPCDE – Linha 1: Psicologia do Desenvolvimento), do ISPA-IU, que tem como título “Relações de amizade, e com a família, nas trajetórias de isolamento social em jovens adolescentes”.

As duas escolas foram contactadas no sentido de se explicitar em que consistia o projecto e o tempo que seria necessário para a aplicação dos questionários. Por fim, foram pedidas as autorizações. Com as autorizações concedidas pelas escolas, procedeu-se à entrega das autorizações aos pais dos alunos que participariam na investigação e à planificação dos dias de aplicação dos questionários junto dos directores das turmas que participariam no estudo.

Após serem recebidas as autorizações por parte dos pais, passou-se à aplicação dos questionários que foi administrado às turmas em contexto de sala de aula. Foi pedido aos alunos que respondessem com a maior sinceridade possível e foi-lhes garantido que as suas respostas seriam totalmente confidenciais. Para que as respostas fossem individuais e sem a influência dos colegas pediu-se também que não comentassem nem trocassem impressões com os mesmos enquanto preenchiam os questionários. Para o questionário ECP - *Extended Class Play* - a instrução foi a seguinte: Devem imaginar que são realizadores de cinema e têm de escolher os personagens para o vosso próximo filme. Imaginem também que todos os colegas de turma são actores mais ou menos famosos e comecem, por exemplo, por escolher, quais deles, um rapaz e uma rapariga se encaixam melhor no papel de “O/A mais alto/a”, Agora continuem e, no papel de realizadores, escolham todos os autores para as personagens do vosso novo filme. Certifiquem-se que preenchem todos os papéis

apresentados e que escrevem com letra legível o primeiro e último nome de quem escolhem para que possamos ter a certeza de qual o colega que escolhem.

Foi também feita a aplicação do questionário RPQ - *Relational Provision Loneliness Questionnaire* – em que se deu a seguinte instrução: Neste questionário vão ler várias afirmações que poderão ser verdadeiras ou não. Devem ler cada uma das afirmações e responder em que medida é que cada uma delas está relacionada com cada um de vocês, isto é, em que medida é que para cada um de vocês, estas afirmações são verdadeiras. Então devem assinalar as vossas respostas, com um círculo à volta do número que corresponde ao que sentem/pensam. Neste questionário não há respostas certas ou erradas portanto devem responder o mais sinceramente possível e de forma espontânea.

De seguida foram apresentados dois exemplos com frases inócuas presentes nas folhas de resposta, para uma melhor compreensão dos participantes. No decorrer do questionário existem três partes, com indicações específicas, as primeiras perguntas são precedidas por uma frase que pede que o participante, quando dá a resposta, pense em si e nos jovens da sua idade, num segundo momento é feita uma pergunta: “Quando passas algum tempo sozinho, porque o fazes” e na terceira parte pede-se que o jovem pense em si e na sua família.

3. RESULTADOS

O *Extended Class Play*, como já foi referido, é uma escala de nomeações e portanto, de modo a controlar a variação no tamanho de turma os dados foram estandardizados por turma. Assim, numa turma de 15 alunos, o aluno X terá 15 hipóteses de ser nomeado pelos colegas e numa outra turma, de 30 alunos, o aluno Y terá 30 hipóteses de ser nomeado pelos colegas. Relativamente às dimensões do *Extended Class Play*, podemos verificar na Tabela 1 todas apresentam valores de alpha de Cronbach elevados, indicando portanto uma elevada consistência interna. A dimensão de ‘Retirada’ é aquela que apresenta um alpha mais baixo ($\alpha = 0,79$), ainda assim traduz uma fiabilidade aceitável, e está no limiar com a boa fiabilidade (considerada a partir de $\alpha = 0,80$).

Tabela 1 – Fiabilidade do *Extended Class Play*

	Alpha
Agressividade	.91
Retirada	.79
Rejeição	.94
Prosocial	.86
Popularidade	.86

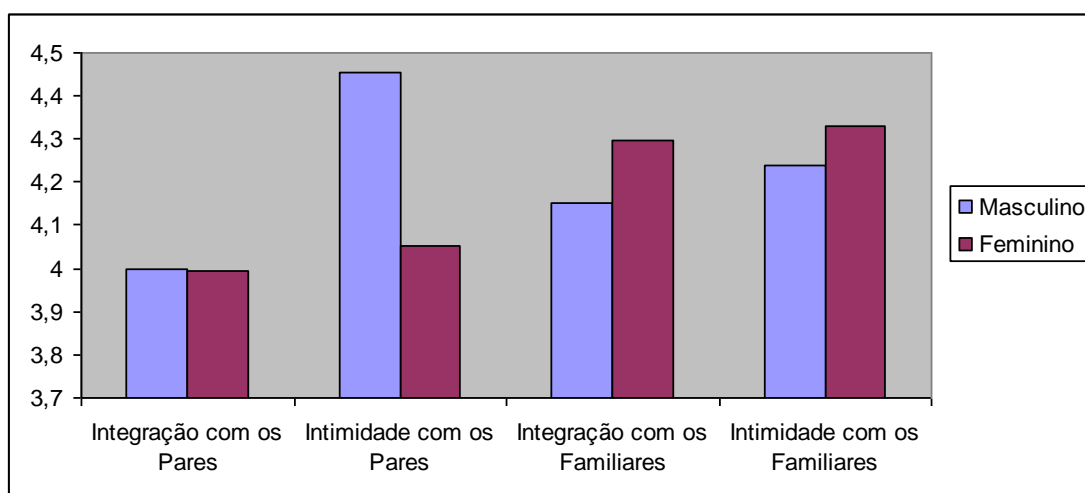
As quatro dimensões do RPQ apresentam valores de alfa de Cronbach elevados sendo que o valor mais baixo se encontra na Integração no grupo de pares ($\alpha = .86$). Estes valores indicam uma consistência interna elevada para as quatro dimensões do questionário.

Tabela 2 – Estatística descritiva e fiabilidade do *RPQ*

	Média	Desvio Padrão	Alpha
Integração – Pares	3,99	.71	.86
Intimidade – Pares	4,25	.84	.88
Integração – Família	4,22	.81	.90
Intimidade – Família	4,28	.89	.91

Para averiguar a existência de possíveis diferenças de género no sentimento de solidão, realizamos uma análise de variância. Verificou-se a existência de diferenças significativas para a Intimidade com os Pares [$F(1,898) = 54,24$; $p < 0.001$] e para a Integração com os Familiares [$F(1,898) = 7,49$; $p < 0.001$], com as raparigas a relatarem níveis mais elevados na Integração com os Familiares e com os rapazes a surgirem com níveis mais elevados na Intimidade com os Pares, quando comparados com as raparigas.

Figura 1 - Diferenças em função do género no RPQ



3.1. Identificação dos adolescentes retraídos e adolescentes agressivos

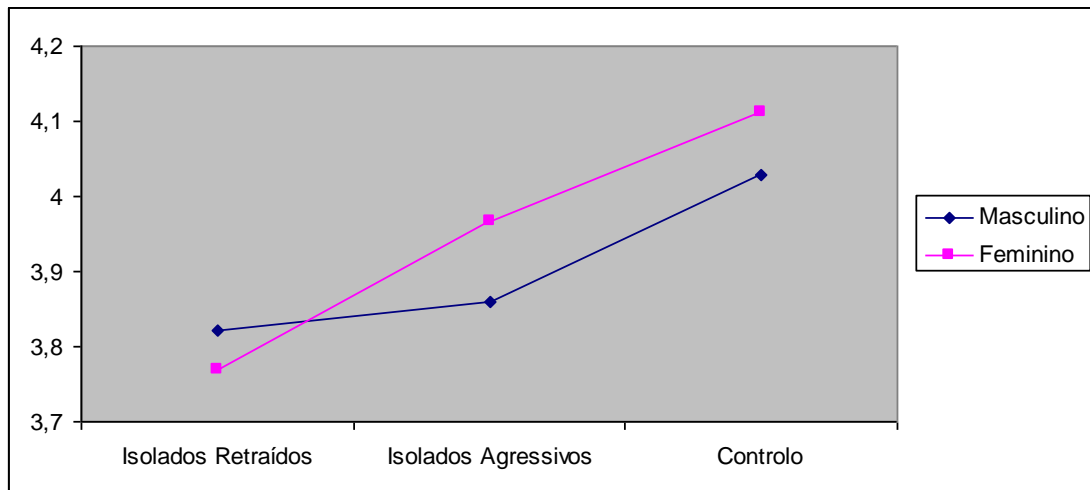
Foram então identificados os adolescentes isolados retraídos, isolados agressivos e um grupo de controlo, através dos scores do ECP. Os adolescentes Isolados Retraídos foram seleccionados como sendo aqueles com valores de Timidez/Retirada Social nos 33% superiores, ou aproximadamente um desvio-padrão acima da média, e com os valores da dimensão de Agressividade abaixo da mediana. O grupo de adolescentes isolados agressivos foi seleccionado através dos valores de Timidez/Retirada e de agressividade nos 33% superiores, ou aproximadamente um desvio-padrão acima da média. O grupo de controlo é composto por adolescentes cujos valores de Agressividade e Timidez/Retirada se encontram ambos abaixo das respectivas medianas.

Na nossa amostra apresentam-se 180 adolescentes com perfil de Isolados Retraídos, 104 com o perfil de Isolados Agressivos e um grupo de Controlo de 149 adolescentes. Dos 433 participantes 50,6% são do sexo feminino.

Para comparar mais de uma variável dependente e de modo a melhor controlar erros de tipo I e tipo II optou-se por realizar uma MANOVA. Os resultados da análise multivariada, 3 (grupo) x 2 (género), revelaram efeitos principais multivariados para o Género [$F(4, 424) = 14.65, p < .001, \lambda \text{ de Wilk} = .879, \epsilon^2 \text{ parcial} = .121$], e para o Grupo [$F(8, 848) = 2.38, p < .02, \lambda \text{ de Wilk} = .957, \epsilon^2 \text{ parcial} = .022$], assim como um efeito de interacção Género*Grupo [$F(8, 848) = 2.52, p < .02, \lambda \text{ de Wilk} = .954, \epsilon^2 \text{ parcial} = .023$].

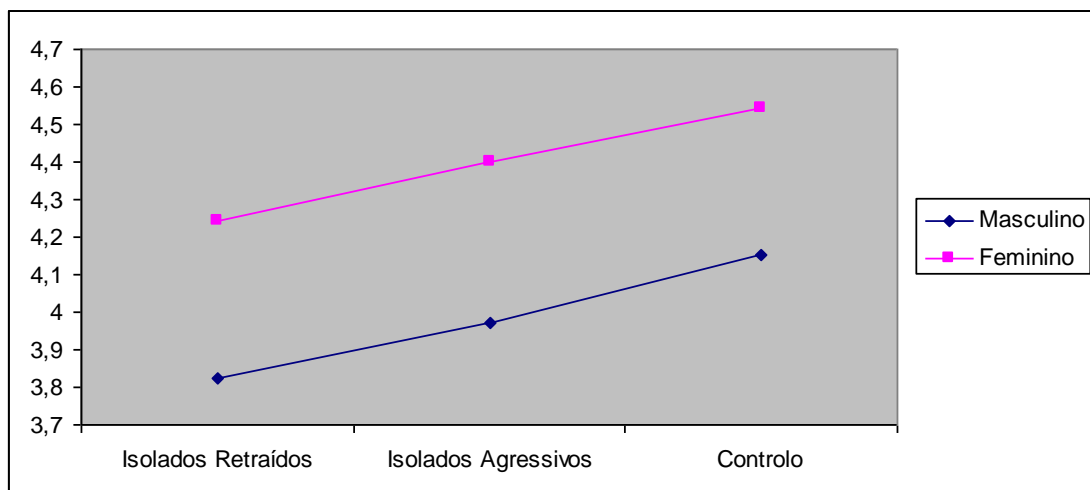
Nas análise de seguimento (ver Figura 2), verificaram-se diferenças significativas na Integração com os Pares em função do Grupo [$F(2, 427) = 5.56, p < .005, \epsilon^2 \text{ parcial} = .025$], testes post-hoc de Tukey HSD revelaram que os jovens do grupo de Controlo reportaram níveis significativamente superiores ($p < .005$), relativamente ao grupo de Isolados Retraídos.

Figura 2 - Diferenças na Integração com os Pares em função do Grupo e Género



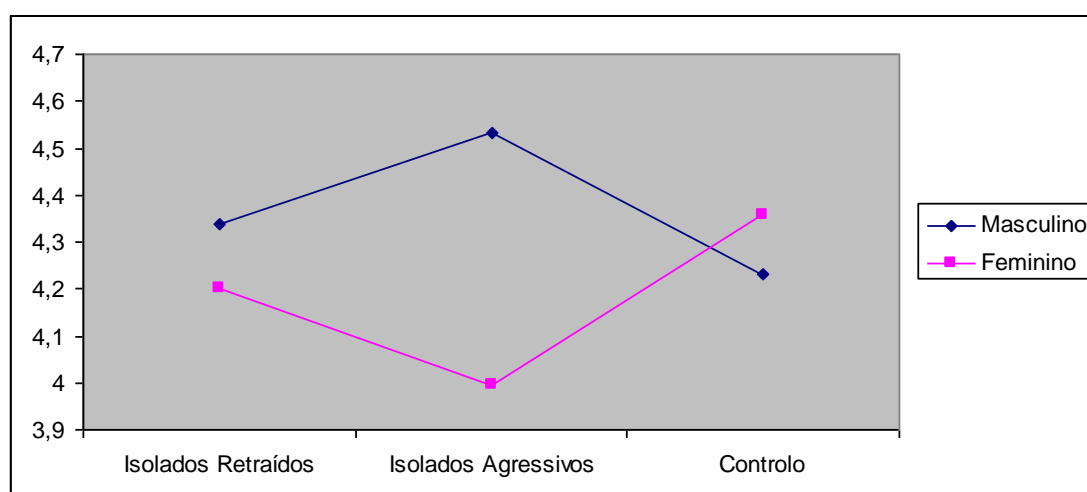
Ao nível da Intimidade com os Pares em função do Grupo (ver Figura 3), verificou-se também um efeito significativo [$F(2, 427) = 5.58, p < .005, \epsilon^2$ parcial = .025], testes post-hoc de Tukey HSD mostraram níveis significativamente inferiores ($p < .005$) dos jovens Isolados Retraídos em relação aos jovens do grupo de Controlo.

Figura 3 - Diferenças na Intimidade com os Pares em função do Grupo e Género



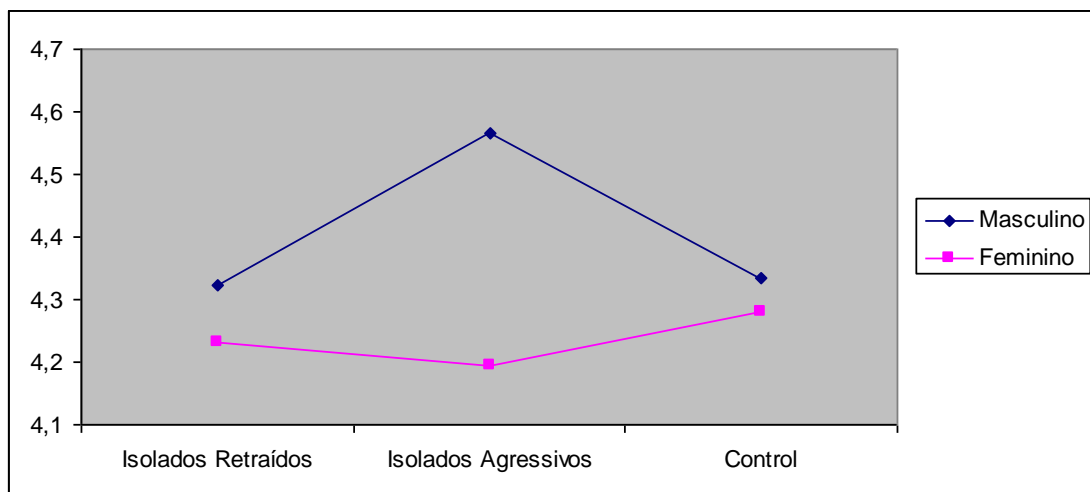
Relativamente a efeitos de Género, (ver Figura 3), verificou-se que as raparigas se consideram significativamente mais íntimas com os seus pares do que os rapazes [$F(1, 427) = 24.32, p < .005, \epsilon^2$ parcial = .054]. Verificou-se ainda, (ver Figura 4), que as raparigas se consideram significativamente menos integradas na família do que os rapazes [$F(1, 427) = 5.85, p < .02, \epsilon^2$ parcial = .014]. Contudo, dada a existência um efeito de interacção Género*Grupo para esta variável [$F(2, 427) = 5.76, p < .005, \epsilon^2$ parcial = .026], foram realizadas análises univariadas separadamente para cada um dos níveis do Grupo que revelaram, apenas, um efeito principal simples do Género ao nível dos jovens Isolados Agressivos, com as raparigas a apresentarem valores significativamente inferiores aos dos rapazes [$F(1, 102) = 11.02, p < .005, \epsilon^2 = .097$].

Figura 4 - Diferenças na Integração com os Familiares em função do Grupo e Género



Finalmente Ao nível da intimidade com a família, (ver Figura 5), constatou-se uma tendência a favor dos rapazes [F (1, 427) = 2.99, p <.06, ϵ^2 parcial = .01].

Figura 5 - Diferenças na Intimidade com os Familiares em função do Grupo e Género



4. DISCUSSÃO

Relativamente aos resultados obtidos é de realçar que os adolescentes isolados-retraídos foram aqueles que relataram valores mais baixos na integração e na intimidade com os pares. Por outro lado, os rapazes com perfil isolado-agressivo demonstraram sentir-se mais integrados na sua família do que os rapazes com perfil isolado-retraído. As raparigas, em todos os grupos, relatam níveis de intimidade com os pares significativamente superiores em relação aos rapazes e os adolescentes com perfil de isolados-retraído apresentarem valores mais baixos.

Desenvolvendo as claras contribuições do nosso estudo podemos verificar que os adolescentes identificados como isolados-retraídos foram aqueles que reportaram valores mais baixos na integração e intimidade com pares, indicando um maior sentimento de solidão. Estes resultados vão no sentido dos vários trabalhos desenvolvidos por outros investigadores que verificaram uma associação entre o retraimento social e problemas de internalização, nomeadamente, o sentimento de solidão (Rubin & Mills, 1988, Rubin, Hymel & Mills, 1989, Hymel et al., 1990).

Relativamente ao sentimento de integração na família, os rapazes com perfil isolado-agressivo consideram-se mais integrados na família, do que os rapazes com perfil isolado-retraído. Esta evidência vai ao encontro do que Rubin, Bukowski e Parker (2006) constataram: a agressividade é um comportamento mais aceitável nos rapazes do que nas raparigas. Por outro lado, também está relacionado com o facto do retraimento social ser mais aceitável nas raparigas do que nos rapazes (Rubin, Coplan & Bowker, 2009). Há também evidências que apontam para a ideia de que o retraimento social nos rapazes resulta em níveis de maior desajustamento do que para as raparigas (Coplan et al., 2001).

Outros autores desenvolveram estudos que demonstram evidências que vão neste mesmo sentido. Verificaram que os rapazes retraídos sofrem de maiores consequências negativas (Capsi, Elder & Bem, 1988 e Morison & Masten, 1991) do que as raparigas, que no nosso estudo se traduzem em dificuldades ligadas a perturbações internalizadas, mais especificamente, no sentimento de solidão. Capsi, Elder e Bem (1988) vão mais além e investigam as consequências, a longo prazo, do comportamento tímido, verificando maiores consequências nos rapazes tímidos, que acabam por iniciar relações românticas, ter filhos e estabelecer carreiras mais tarde, quando comparados com os rapazes do grupo de controlo. Já entre as raparigas tímidas e não-tímidas estas diferenças não se verificaram.

As diferenças em relação ao género na dimensão intimidade de pares, têm a ver com as raparigas (quer no grupo de isolados retraídos, isolados agressivos ou controle) que registaram valores significativamente superiores em relação aos rapazes. Estas diferenças podem explicar-se pelo que já foi dito anteriormente, em que os vários estudos descritos suportam a ideia de que os rapazes sofrem mais consequências negativas, quando são socialmente retraídos. Podem também estar relacionadas com o facto de as raparigas, regra geral, cultivarem mais as relações a um nível íntimo, em díades ou tríades, enquanto os rapazes se organizam em grupos maiores, interagindo entre si nesses grandes grupos, não sendo muito usual privarem em díades ou tríades (Rose & Smith, 2005).

É ainda importante destacar que os jovens identificados como isolados-agressivos reportaram, níveis de Intimidade com Pares, Integração de Pares e Integração na Família mais elevados que os isolados-retraídos e que não diferiram significativamente do grupo de controlo, facto que nos dá a ideia de que os adolescentes isolados-agressivos se sentem mais incluídos socialmente e menos solitários, quando comparados com os adolescentes isolados-retraídos. Este facto aparenta ser exclusivo da cultura ocidental, pois de acordo com investigações desenvolvidas na cultura chinesa, adolescentes retraídos socialmente não demonstram sofrer de consequências pelo seu retraimento, apresentando ainda resultados positivos, sendo aceites pelos pares e

estando socialmente ajustados (Chen et al., 1999; Chen, Chen & Kaspar, 2001). Estas evidências demonstram então que a timidez é na cultura chinesa um valor apreciado e não desviante e com consequências nefastas, como acontece na cultura ocidental.

Assim, após a pesquisa bibliográfica e resultados obtidos compreende-se o porquê da caracterização do retraimento social como *umbrella term*, utilizada por Rubin e Coplan (2004). Existem várias formas de se isolar ou retrair socialmente, causa de variadas situações, produzindo também diferentes consequências. Como tal, surgem limitações à investigação desenvolvida que residem no facto de não se conseguir fazer a distinção entre os diferentes tipos de adolescentes retraídos, isto é, entre aqueles que assim o são por não terem motivação para aproximação daqueles que se retraem por serem tímidos, tendo apesar de tudo motivação para aproximação (Asendorpf, 1990).

Uma das grandes questões desta temática prende-se com a necessidade de compreender se o retraimento social é patológico e se acarreta consequências negativas ou não. Também neste estudo não foi possível compreender verdadeiramente o carácter e as consequências do retraimento social. De acordo com a pesquisa bibliográfica feita, resultados obtidos e uma reflexão sobre toda a investigação compreendemos que há três factores fundamentais para alcançar este conhecimento. São eles então: a necessidade de desenvolver um estudo longitudinal, construir um instrumento que tenha a capacidade de distinguir os tipos de retraimento social e, por fim, mais do que apenas o sentimento de solidão, parece importante compreender até que ponto as diferentes facetas do retraimento poderão acarretar consequências mais sérias a longo prazo, como a depressão.

O instrumento RCP avalia dois aspectos do retraimento social: o retraimento passivo e o isolamento activo (Rubin & Mills, 1988) e Younger e Daniels (1992) referem que as crianças têm capacidade de diferenciar os comportamentos que se associam a cada um destes dois aspectos. Portanto, se as crianças já conseguem compreender que existem diferentes formas de isolamento com diferentes comportamentos associados, esta diferenciação deveria ser feita também nos instrumentos. Esta diferenciação é importante pois cada tipo de isolamento pode gerar

consequências distintas. Rubin e Mills (1988) afirmam que o retraimento passivo tem como consequências mais prováveis a internalização de problemas, como a depressão. Já o isolamento activo, indicado como causa de comportamentos de agressividade e impulsividade (Rubin & Mills, 1988 e Rubin, Bukowski & Parker, 2006), poderá ter outras consequências. Por fim, existem aquelas pessoas que se isolam por terem uma preferência pela solidão (Rubin, Coplan & Bowker, 2006) pelo que podemos deduzir que não sofram de grandes consequências, pois o afastamento é opção das próprias por falta de motivação à aproximação.

Apesar de termos verificado a sua existência, o nível de solidão nos adolescentes retraídos socialmente, apareceu como pouco expressivo. Como já foi referido, a solidão costuma estar a par da depressão, juntamente com outras consequências ligadas a perturbações internalizadas que surgem variadas vezes associadas ao contexto do retraimento social. Boivin, Hymel e Bukowski (1995) criaram uma extensão de um modelo proposto por Boivin e Hymel, modelo esse que foi elaborado numa tentativa de explicação das consequências sofridas por uma criança que se retrai socialmente. Esse modelo acabou por se verificar. Então parece-nos pertinente que num estudo futuro fosse incluída uma medida de depressão, para aplicar a crianças retraídas socialmente e ao grupo de controlo.

De acordo com os factos verificados nesta investigação e também com as limitações que levaram a que alguns aspectos ficassem menos claros, pensamos que num estudo futuro seria importante, antes de mais, aumentar o número da amostra de forma a conseguirmos reunir uma amostra mais representativa da população. Outra das situações que se torna desde logo evidente é a necessidade de desenvolver estudos longitudinais nesta área, pois são várias as questões levantadas ao longo da discussão que apontam para a importância de desenvolver um estudo longitudinal. Um estudo longitudinal permitiria uma melhor compreensão da dimensão dos efeitos do retraimento social não só a curto prazo, como também a médio e longo prazo. Capsi, Elder e Bem (1988), Rubin e Mills (1988) e Hymel e cols. (1990) são alguns dos autores que desenvolveram estudos longitudinais e verificaram que para crianças e

adolescentes o retraimento social é preditor de problemas no futuro. Existe já um estudo longitudinal, o *Waterloo Longitudinal Project*, que teve como objectivo inicial explorar as implicações do retraimento social precoce. Este projecto tem vindo a ser desenvolvido desde 1980 e conta com descobertas muito frutíferas (Rubin, Both & Wilkinson, 1990).

Seria também muito importante num estudo futuro elaborar um instrumento que discriminasse as várias formas de uma criança/adolescente sofrer de um défice de interacção, seja por isolamento activo ou passivo e dentro do isolamento activo, diferenciar aquele que acontece por timidez e ou apenas por pouca motivação à aproximação. Os resultados menos claros no instrumento da solidão levam-nos a crer que o retraimento se deveria associar a uma outra consequência de internalização de problemas, como seja a depressão, tal como Rubin e Mills (1988) verificaram. Outra possível melhoria, que nos faz sentido e que vai ao encontro do estudo de Boivin, Hymel e Bukowski (1995) seria, num estudo futuro, introduzir também uma medida de depressão e, aplicá-la.

Concluindo, os resultados obtidos têm interesse e é muito importante que se continuem a desenvolver estudos nesta área, de modo a aprofundar e melhor compreender o fenómeno do retraimento social.

5. REFERENCIAS

- Allen, J. P., & Land, D. (1999). Attachment in Adolescence (pp. 319-335). In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds). *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications*. New York: Gilford Press.
- Asendorpf, J. B. (1990). Development of inhibition during childhood: evidence for situational specificity and two-factor model. *Developmental Psychology*, *26*(5), 721-730.
- Asendorpf, J. B.(1991). Development of inhibited children's coping with unfamiliarity. *Child Development*, *62*, 1460-1474
- Berguno, G., Leroux, P., McAinsh, K. & Shaikh, S. (2004). Children's experience of Loneliness at school and its relation to bullying and the quality of teacher interventions. *The Qualitative Report*, *9*(3), 483-499.
- Caspi, A., Elder, G. H., Jr., & Bem, D. J. (1988). Moving away from the world: Lifecourse patterns of shy children. *Developmental Psychology*, *24*, 824-831.
- Cassidy, J. & Asher, S. (1992). Loneliness and peer relations in young children. *Child Development*, *63*, 350-365.
- Cassidy, J. & Berlin, L. (1999). Understanding the Origins of Childhood Loneliness: Contributions of Attachment Theory. In Rotenberg, K., Hymel, S. (Eds). *Loneliness in Childhood and Adolescence* (Chap. 3)

- Chen, X., Rubin, K. H., Li, D. & Li, D. (1999). Adolescent outcomes of social functioning in chinese children. *International Journal of Behavioral Development*, 23 (1), 199-223.
- Chen, X., Chen, H. & Kaspar, V. (2001). Group social functioning and individual socioemotional and school adjustment in chinese children. *Merrill-Palmer Quarterly*, 47(2), 264-299.
- Coie, J. D. & Dodge, K. A. (2006). Agression and antisocial behavior. In Eisenberg, N (Ed.) *Handbook of Child Psychology* (Vol. 3, 6th ed., pp 719-788). Hoboken: John Wiley & Sons.
- Coplan, R. J. & Rubin, K. H. (2007). Social withdrawal in childhood: Conceptual approaches, definitions, and methodological issues. In A. S. Lo Coco, K. H. Rubin & Zappulla, C. (Eds.), *L'isolamento sociale durante l'infanzia (Social Withdrawal in childhood)* (pp. 1-24). Milan, Italy: Unicopli.
- Coplan, R. J., Gavinski-Molina, M., Lagacé-Séguin, D. G., & Wichmann, C. (2001). When girls versus boys play alone: Nonsocial play and adjustment in kindergarten. *Developmental Psychology*, 37(4), 464-474
- Fox, A., Henderson, H., Marshall, P., Nichols, K., & Ghera, M. (2005). Behavioral Inhibition: Linking biology and behavior within a developmental framework. *Annual Review of Psychology*, 56, 235–262
- Hartup, W., W. (1996). The company they keep: Friendships and their developmental significance. *Child Development*, 67, 1-13

- Hymel, S., Rubin, K., Rowden, L., LeMare, L. (1990). Children's Peer Relationships: longitudinal prediction of internalizing and externalizing problems from middle to late childhood. *Child Development* 61, 2004-2021.
- Juntilla, N., Vauras, M. (2009). Loneliness among school-aged children and their parents. *Scandinavian Journal of Psychology*. 50 (3), 211-219.
- Luthar, D., McMahon, T. (1996). Peer reputation among inner-city adolescents: Structure and Correlates. *Journal of Research on Adolescence*, 6 (4), 581-603.
- Marcoen, A., Brumagne, M. (1985). Loneliness among children and young adolescents. *Developmental Psychology*, 21, 6, 1025-1031.
- Masten, A.S., Morison, P., & Pellegrini, D.S. (1985). A revised class play method of peer assessment. *Developmental Psychology*, 21(1), 523-533.
- Menzer, M., Oh, W., McDonald, K., Rubin, K., & Dashiell-Aje, E. (2010). Behavioral correlates of peer exclusion and victimization of east asian american and european American young adolescents. *Asian American Journal of Psychology*, 1 (4), 290-302
- Morison, P., Masten, A. (1991). Peer reputation in middle childhood as a predictor of Adaptation in Adolescence: A Seven-Year Follow-up. *Child Development*, 6 (5), 991-1007.
- Oh, W., Rubin, K. H., Bowker, J. C., Booth-LaForce, C., Rose-Krasnor, L., & Laursen, B. (2008). Trajectories of social withdrawal from middle childhood to early adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 36, 553-566.

- Parker, J. G., Asher, S. R. (1987). Peer relations and later personal adjustment: Are low-accepted children at risk? *Psychological Bulletin*, 102 (3), 357-389.
- Parkhurs, J.T., Asher, S.R. (1992). Peer rejection in middle school: Subgroup differences in behavior, loneliness and interpersonal concerns. *Developmental Psychology*, 28 (2), 231-241.
- Pepler, D. J., Craig, W. Roberts, W. L. (1995). Social skills training and aggression in the peer group. In McCord (Ed.), *Coercion and Punishment in Long-term Perspectives* (213 – 228). New York: Cambridge University Press.
- Perlman, D., Peplau, L. A. (1984). Loneliness research: A survey of empirical findings. In L. A. Peplau & S. Goldston (Eds.), *Preventing the harmful consequences of severe and persistent loneliness*. (Chapter 2, pp. 13-46). U.S. Government Printing Office.
- Powers, C. J., Bierman, K. L. (2012). The multifaceted impact of peer relation on aggressive-disruptive behavior in early elementary school. *Developmental Psychology* – Online First Publication
- Renshaw, P., Brown, P. (1993). Loneliness in middle childhood: concurrent and longitudinal predictors. *Child Development*, 64, 1271-1284.
- Rose, A., & Sith, R. (2009). Sex differences in peer relationships. In K.H. Rubin, W. M. Bukowski & B. Laursen (Eds.), *Handbook of peer interactions, relationships, and groups* (pp. 379-393). New York: Guilford Press.

- Rubin, K. (1982). Nonsocial play in preschoolers: Necessarily evil? *Child Development*, 53, 651-657.
- Rubin, K., Mills, R. (1988). The many faces of social isolation in children. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 56, 916-924.
- Rubin, K. H., Hymel, S., & Mills, R. S. L. (1989). Sociability and social withdrawal in childhood: Stability and outcomes. *Journal of Personality*, 57 (2), 237-255.
- Rubin, K. H., Both, L., Wilkinson, M. (1990). The Waterloo longitudinal project: Correlates and consequences of social withdrawal in childhood. *Infancia y Aprendizaje*, 49, 73-90.
- Rubin, K. H., & Burgess, K. B. (2002). Parents of aggressive and withdrawn children. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting*. (2th ed., Vol. 1, pp. 383-418). Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates.
- Rubin, K. H., Burgess, K. B., & Coplan, R. J. (2002). Social inhibition and withdrawal in childhood. In P.K. Smith & C. Hart (Eds), *Handbook of Childhood Social Development* (pp. 2-47). London: Blackwell.
- Rubin, K., Coplan, R., Bowker, J. (2003). Social withdrawal in childhood. In E. J. Mash & R. A. Barkley (Eds.). *Child Psychopathology* (Chap. 8, 2nd ed., pp. 372 – 401). New York: Guilford Press.
- Rubin, K. H. & Coplan, R. J. (2004). Paying attention to and not neglecting social withdrawal and social isolation. *Merrill-Palmer Quarterly*, 50 (4), 506-534.

- Rubin, K.H., Wojslawowicz, J.C., Burgess, K.B., Rose-Krasnor, L., & Booth-LaForce, C.L. (2006a). The best friendships of shy/withdrawn children: Prevalence, stability, and relationship quality. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 34, 139-153.
- Rubin, K., Bukowski W. M., Parker, J. G. (2006b). Peer interactions, relationships ad groups. In Eisenberg, N. (Ed.). *Handbook of Child Psychology* (Vol. 3, Chap 10, 6th ed., pp. 571-645). Hoboken: John Wiley & Sons.
- Terrell-Deutsch, B. (1999). The conceptualization and measurement of childhood loneliness. In K. J. Rotenberg & S. Hymel (Eds.) *Loneliness in childhood and adolescence*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Tremblay, R. E. (2000). The development of aggressive behaviour during childhood: What have we learned in the past century? *International Journal of Behavioral Development*, 24 (2), 129-141.
- Uruk, A. C., Demir, A. (2003). The role of peers and families in predicting the loneliness level of adolescents. *The Journal os Psychology*, 137(2), 179-193.
- Veríssimo, M., Santos, A.J. (2008). Desenvolvimento social: Algumas considerações teóricas. *Análise Psicológica*, 3, 26, 389-394.
- Younger, A. J., Daniels, T. M. (1992). Children's reasons for nominating their peer as withdrawn: Passive withdrawal versus active isolation. *Developmental Psychology*, 28 (5), 955-960.